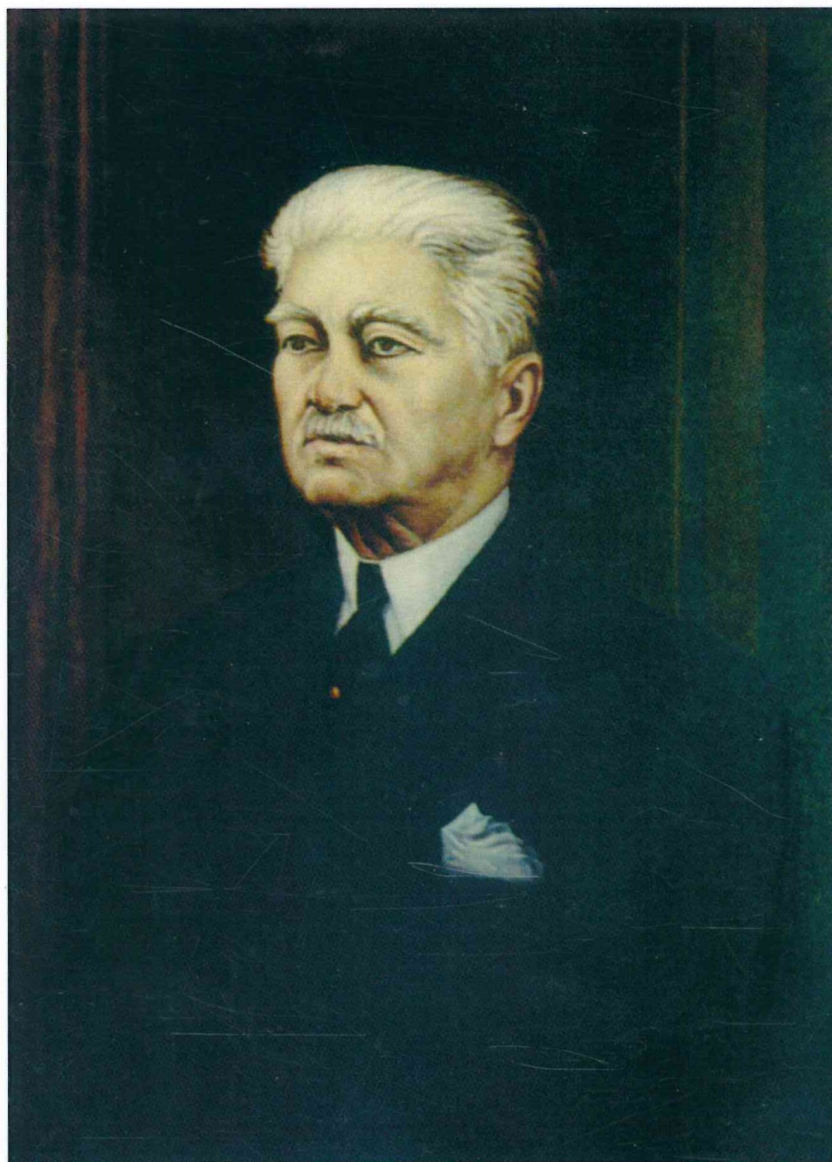


VICTOR PINHO



**PAULO FELISBERTO
FILANTROPO BARCELENSE**

Barcelos, 2003

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

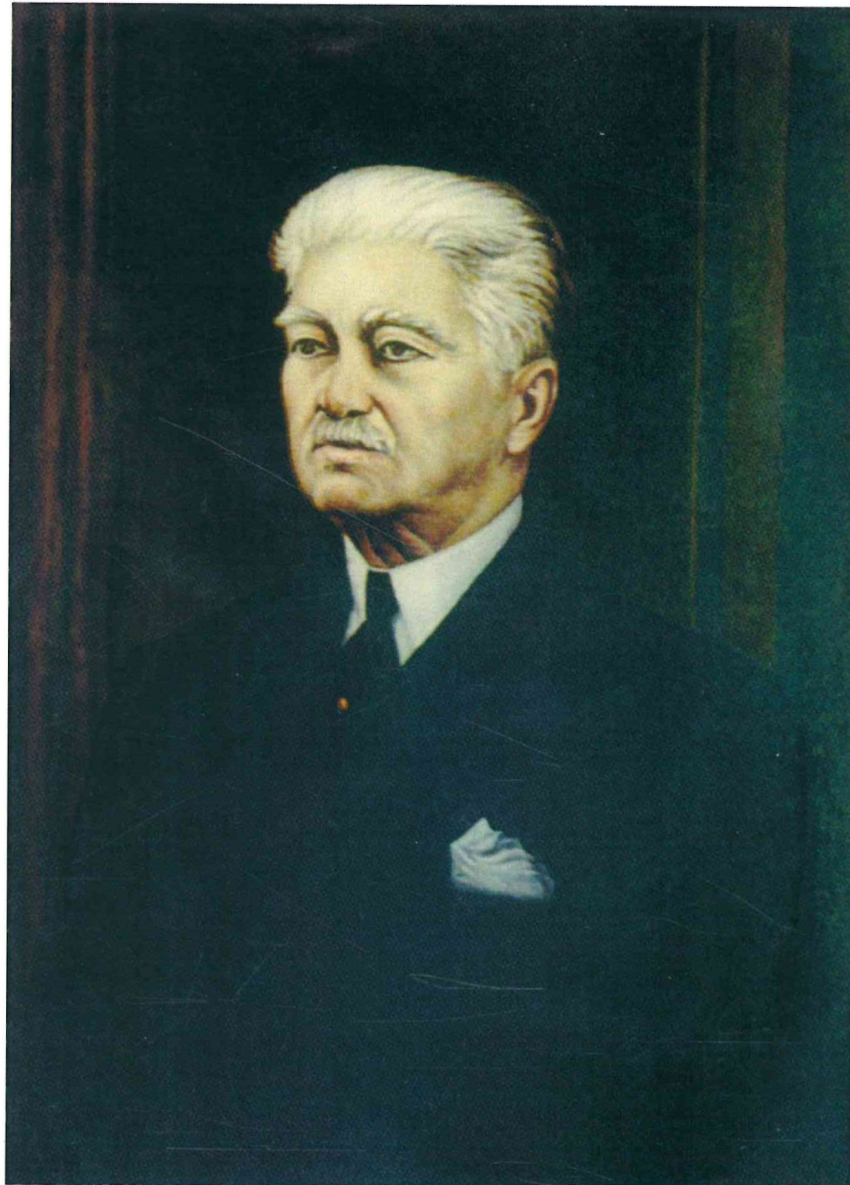
Nº 57272

Barcelos

Perm.



VICTOR PINHO



**PAULO FELISBERTO
FILANTROPO BARCELENSE**

Barcelos, 2003

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 57272

Barcelone

Perm.

Na capa

Quadro a óleo de Paulo Felisberto pertencente à Santa Casa da Misericórdia de Barcelos

Separata da revista "Diferença", nº 11, Julho 2003, da Escola de Tecnologia e Gestão de Barcelos

Paulo Felisberto, filantropo barcelense emigrado no Brasil, mandou construir a chamada cadeia nova

Victor Pinho (*)

O barcelense Paulo Felisberto figura na galeria dos grandes beneméritos portugueses que, fora da mãe pátria e do seu rincão natal, em terras do Brasil se radicaram e, através de persistente trabalho, construíram avultada fortuna. Mas, não foram egoístas e fizeram da solidariedade social o lema da sua vida.

Figuram nessa galeria, entre outros, Gonçalo Pereira, outro barcelense, Conde Ferreira, no Porto, Conde de Agrolongo, em Braga, Cândido Sotto Mayor, em



Chaves, Conde Dias Garcia, em S. João da Madeira, Comendador Sousa Cruz e Conde de S. Bento, em Santo Tirso.

Paulo Felisberto deixou a sua terra natal ainda menino, com apenas 11 anos, “o maior dos “meninos portugueses” que têm vindo ao Brasil, o maior talvez que tenha saído de Portugal”, como, um dia, disse um autor.

Distribuiu em vida, por instituições de solidariedade social e por pobres de Portugal e do Brasil mais de 25 mil contos, valor do ano de 1946, e que representa, hoje, muitos milhões de euros.

Testemunhando a sua gratidão por tudo quanto fez em prol de Barcelos e das suas instituições

e, para perpetuar a sua memória, a Câmara Municipal de Barcelos, da presidência do Conde de Vilas Boas exaltou, em sessão pública, de 3 de Setembro de 1930, os actos de benemerência de Paulo Felisberto e deu o seu nome ao prolongamento da Rua Dr. Manuel Pais até à nova cadeia.

Pensou-se, também, em erigir, nesta cidade, um monumento em sua memória, mas, por seu desejo, a ideia não foi avante. Chegou mesmo a organizar-se, em Novembro de 1939, uma Comissão constituída por um grupo de ilustres barcelenses, Miguel Gomes de Miranda, Francisco José Monteiro Torres, Pe. Alexandre Joaquim Gaiolas, Joaquim José de Araújo, José Gomes de Sousa e Dr. Alexandre de Sá Carneiro, com o fim de angariar fundos para erigir esse monumento. Esta ideia colheu no Brasil a mais viva simpatia. A Casa do Minho do Rio de Janeiro promoveu e coordenou a cooperação de portugueses e instituições do Brasil. A comissão era constituída por Ilídio Nunes, Monsenhor Alves da Rocha, Manuel de Azevedo Falcão e Alberto da Silva Medros.

Dados os atrasos em concretizar tal iniciativa, o semanário local "O Barcelense" chegou mesmo a questionar, em 26 de Junho de 1943: "Porque se espera para levar a efeito iniciativa tão simpática? Barcelos, levantando um monumento ao seu conterrâneo benemérito cumpre um dever de gratidão, e com isto honra-se." Mas, por desejo de Paulo Felisberto, as verbas destinadas ao monumento deviam ser aplicadas numa escola para os dois sexos a construir em Barcelos. Manuel Augusto Vieira em artigo assinado no referido semanário, em 7 de Dezembro de 1946, afirmava que o desejo de Paulo Felisberto era proporcionar meios para "que se edifique uma escola para crianças da rua dos dois

sexos, naturalmente, uma Escola-Asilo, a que os barcelenses com certeza darão como prova de gratidão o nome de Escola Asilo Paulo Felisberto da Fonseca, onde os rapazes, além da educação e instrução aprendam um ofício preparando-se para, quando homens, enfrentarem com coragem os imprevistos da vida." Esta escola, todavia, nunca chegou a ser edificada.

Mandou construir a chamada cadeia nova

Talvez poucos saibam que a outrora designada cadeia nova, que serve hoje de parque de viaturas da Câmara Municipal de Barcelos, foi mandada construir por Paulo Felisberto.

A sua generosidade para com Barcelos começou a ganhar consistência a partir de 26 de Setembro de 1927, já depois de instalada a Ditadura em Portugal. Nesse dia, por escritura pública, outorgada no Rio de Janeiro, Paulo Felisberto fez, com a sua esposa, uma avultada doação, de 400 apólices federais do Brasil, no valor global de 263.500\$00, à Câmara Municipal de Barcelos para se construir a nova cadeia da comarca e proceder-se à remodelação da antiga, localizada na Torre da Porta Nova, onde seria instalado um Museu-Biblioteca ou outra dependência municipal de instrução pública. O sobranço das despesas ficaria para a Santa Casa da Misericórdia de Barcelos.

Segundo os termos da escritura de doação, a construção da nova cadeia e a remodelação da antiga, devia fazer-se segundo os projectos elaborados, respectivamente, pelo architecto Joaquim de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, em 1917 e por José Vilaça.

Ilustres Barcelenses (2)

Esta boa nova para Barcelos foi dada a conhecer, em reunião extraordinária da câmara municipal realizada, na tarde do dia 19 de Outubro do referido ano de 1927, pelo seu amigo Francisco Leopoldo Machado Carmona. Nessa reunião, aquelas duas instituições aceitaram a doação, bem como as suas condições. O Presidente da Câmara, capitão Francisco Caravana fez o elogio de Paulo Felisberto e de sua esposa e afirmou que a Câmara e a Misericórdia iriam solicitar ao governo a comenda de Mérito e Filantropia. Resolveu-se ainda enviar um telegrama, para o Rio de Janeiro, de agradecimento e de saudação aos doadores.

Os sinos da Matriz e do relógio da Câmara repicaram em sinal de regozijo, segundo deliberação aprovada na referida reunião.

Cerca de seis meses mais tarde, em reunião do executivo municipal de 16 de Abril de 1928, foi decidido que, para a construção da cadeia nova, fossem adquiridos setenta metros quadrados de uma bouça, pertencente a José António Rodrigues, industrial de padaria, situada no lugar do Faial, da freguesia de Arcozelo, por doze mil quatrocentos e noventa e cinco escudos. Em Janeiro de 1929, foi adjudicada a obra da nova cadeia ao construtor Belmiro Miranda, que a devia edificar, no prazo de trinta meses, o que foi cumprido.

Na verdade, uma nova cadeia era uma necessidade urgente para Barcelos. A velha cadeia, localizada na Torre da Porta Nova, e que, desde o século XVII, entre 1631 a 1636, portanto ainda durante o período filipino, vinha servindo de prisão, não tinha as condições mínimas para um ser humano poder sobreviver, ainda mais privado da sua liberdade. Com pouca luz, húmido e frio e com poucas

condições higiénicas, este edifício vinha-se revelando impróprio para a função que vinha desempenhando.

Os presos foram removidos da cadeia da Torre da Porta Nova para a cadeia nova, em 22 de Junho de 1932, pelas 11 horas da manhã.

A nova cadeia era uma bom edifício, arejado e com luminosidade. Tinha um amplo espaço exterior, onde os presos trabalhavam e passeavam. Possuía grandes dormitórios, casas de banho, enfermarias, oficinas de trabalho para cada sexo, aposentos para menores e, no andar superior, quartos para presos de elevada categoria social, bem mobilados, além da habitação para o carcereiro, escritório e outras dependências. Ali funcionou uma escola, da iniciativa do Prof. Manuel Dias Fernandes que, gratuitamente, dava instrução aos presos.

A velha cadeia foi restaurada e adaptada, segundo o projecto de José Vilaça e, a partir da década de 40, foi lá instalado o Museu do Grupo Alcaides de Faria, no segundo andar, e a Comissão de Turismo.

Começou a trabalhar como empregado de balcão

Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca nasceu em Barcelos, no dia 14 de Dezembro de 1864 e faleceu, no Rio de Janeiro, no dia 3 Novembro de 1947.

Era filho de António Felisberto Peixoto da Fonseca, carpinteiro, exposto da roda, natural da então Vila de Barcelos e de Joaquina Maria Victorino, doméstica, natural da freguesia de Vila Frescainha de S. Pedro, concelho de Barcelos, moradores no chamado Campo dos Touros, em Barcelos.

Diferença

Foi baptizado na Igreja Matriz de Barcelos pelo coadjutor Padre João Jerónimo Pereira do Vale, no dia 18 de Dezembro de 1864, tendo como padrinhos Paulo Fernandes Duarte, casado, carpinteiro, morador na rua de S. Vicente - Barcelos e Francisca Caetano, casada, lavradora, moradora na freguesia de Cossourado-Barcelos.

Casou com Ormindia Cunha Fonseca, senhora brasileira, de quem não teve descendência.

Depois de ter frequentado a escola primária, foi empregado de balcão do estabelecimento comercial, na rua Direita, de José Marques da Costa Freitas, ao tempo dirigido por Joaquim José Gomes. Este estabelecimento comercial deu lugar, depois, à Casa Coelho Gonçalves.

Com apenas 18 anos, já era dono de uma empresa comercial

Muito novo, não tinha completado ainda 12 anos, partiu para o Rio de Janeiro - Brasil, em 30 de Junho de 1876. Poucos dias depois, foi trabalhar, como assalariado, numa mercearia, na rua Catumby, nº 50, pertencente a José Maria Pereira da Costa Junior. Começou por ganhar oito mil réis por mês e, no segundo ano, teve um aumento de dois mil réis. Trabalhou, como o próprio diz, muitas horas por dia, mas nunca deixou de cumprir o serviço religioso dominical, educação que herdou dos seus pais.

Seis anos depois, e apenas com 18 anos incompletos, estabeleceu-se e fundou a firma Fonseca Pereira, seguindo-se a firma Pereira Carvalho e Fonseca e, depois, a firma Peixoto & C^a, onde contou com bons colaboradores.

A sua actividade comercial foi de tal modo próspera que, em pouco tempo, adquiriu uma considerável fortuna. Sem descendência, repartiu a sua riqueza pelos mais pobres. Todos os anos, no dia 14 de Dezembro, dia do seu aniversário, eram várias as instituições e os pobres contemplados, em Portugal e no Brasil.

Manuel Augusto Vieira, industrial barcelense, que, no ano de 1928, visitara o casal, na sua residência, em Copacabana, no Rio de Janeiro, no nº 316, da rua Toneleros, para lhe agradecer o donativo de mil escudos que enviou para melhoramentos da capela de S. José, de cuja confraria era tesoureiro, relata no semanário local "O Barcelense" as impressões dessa visita, salientando o seu amor e interesse por Barcelos e a sua faceta benemérita e altruísta. Publica ainda uma fotografia que ele próprio tirou ao casal.

Em 10 de Junho de 1929, a vida de Paulo Felisberto recebe um duro golpe, com a morte de sua esposa. Barcelos manifestou, de imediato, o seu pesar, tendo sido colocadas a meia haste, em sinal de luto, a bandeira do Município bem como as das diversas Associações. Foram ainda celebradas diversas missas.

Um grande protector dos pobres de Barcelos

Paulo Felisberto fez várias doações a instituições e aos pobres de Portugal e do Brasil. Segundo os seus contemporâneos, ele não atendia a pedidos e nem se preocupava com as solicitações de pessoas influentes. Visitava, de surpresa, a instituição e via as suas necessidades. Elaborava, depois, um orçamento e enviava o donativo.

Ilustres Barcelenses (2)

As doações mais significativas eram concedidas, como já referimos, no dia do seu aniversário, dia 14 de Dezembro.

Foram vários os donativos concedidos a instituições barcelenses, principalmente à Santa Casa da Misericórdia de Barcelos e ao Recolhimento do Menino Deus.

No início do ano de 1927, Paulo Felisberto fez a doação da casa que pertencera aos seus pais ao Asilo de Inválidos da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos. A esta mesma instituição e ainda destinada ao Asilo de Inválidos, ofereceu, em Agosto de 1933, a quantia de 21.182\$40.

Em Novembro de 1933, através do Banco Nacional Ultramarino, mandou entregar ao Recolhimento-Asilo do Menino Deus, (onde funcionava a "Sopa dos Pobres", o Patronato, para protecção a raparigas e as creches D. António Barroso) a quantia de três contos.

Em Dezembro de 1934, mandou 207 contos, sendo 200, em moeda brasileira e 7, em escudos, para as seguintes instituições: Asilo de Inválidos (101 contos), Recolhimento do Menino Deus (100 contos) (moeda brasileira-representada em 20 obrigações do Tesouro Nacional), 100 pobres de Barcelos (5 contos) e Creche de Santa Maria (1 conto).

Além de contemplar outras instituições de Portugal e do Brasil, no ano seguinte, destinou 10 contos de réis à Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos para 200 pobres de Barcelos e de Barcelinhos.

No Natal de 1937, e para a consoada, mandou para o Provedor da Santa Casa, Miguel Gomes de Miranda dez contos para distribuir por 200 pobres, o que dava 50 escudos a cada um.

Em Junho de 1938, fez doação dos vastos terrenos que possuía em Copacabana - Rio de Janeiro (de valor aproximado de 24.000 contos), em favor de cinco instituições de beneficência brasileiras: "Associação Asilo S. Luís para a Velhice e Desamparo", "Casa dos Expostos" (a cargo da Santa Casa da Misericórdia), "Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência", "Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Socorros D. Pedro V" e "Hospital de Nossa Senhora das Dores" (da Santa Casa da Misericórdia), recebendo, cada um, a sexta-parte do valor da venda desses terrenos. A outra sexta-parte, divisível em partes iguais, foi doada à Santa Casa da Misericórdia e Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, de Barcelos para que aplicassem o juro do respectivo capital convertível em apólices, nos fins de beneficência a seu cargo.

Em Julho desse mesmo ano, além da doação de valores importantes ao Hospital de Barcelos e ao Recolhimento do Menino Deus, entregou 400 apólices federais de um conto de réis cada, sendo 200 para o hospital e 200 para o Recolhimento. O juro do produto das apólices doadas ao hospital era para distribuir, anualmente, aos pobres, no dia 14 de Dezembro. O juro das apólices doadas ao Recolhimento foi convertido em 5 prémios iguais em dinheiro, para entregar às alunas que mais se distinguissem nos estudos e melhor comportamento revelassem. A dois desses prémios devia ser dado o nome de D. Orminda da Cunha Fonseca, sua saudosa esposa.

Em 14 de Dezembro de 1939, em mais um dia de seu aniversário, distribui cerca de mil contos por diversas instituições de caridade portuguesa e brasileiras e a Barcelos destinou dez mil escudos para serem divididos por duzentos pobres.

Em 1940, na altura das comemorações das festas centenárias, atribuiu avultada quantia a diversas famílias pobres do nosso país. Em Barcelos foram contempladas 130 famílias com 394 filhos. No dia 13 de Junho, dia destinado para ser feita a distribuição, foi celebrada missa na Igreja Matriz em honra de Santo António, tendo assistido todos os contemplados.

Nesse ano, e por altura do seu aniversário, foram distribuídos cerca de mil contos a várias instituições de caridade de Portugal e do Brasil. Em Barcelos, foram distribuídos 10 mil escudos, metade aos pobres da cidade de Barcelos e outra metade aos do concelho, um por freguesia, tendo-se constituído uma comissão composta pelo Prior de Barcelos, Cónego Joaquim Gaiolas, Arcipreste de Barcelos e Provedor da Santa Casa. Nesse dia, e como era habitual, realizou-se uma missa na Igreja da Santa Casa com a presença dos beneficiados.

Em 18 de Março de 1945, Paulo Felisberto foi acometido de uma congestão cerebral, tendo sido internado na Casa de Saúde da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, de que era Provedor. Mas, no ano seguinte ainda completou 82 anos e fez nova doação generosa a Barcelos, quatro mil escudos para o Arciprestado de Barcelos e quatro mil contos, sendo dois mil para o Hospital da Misericórdia e Asilo de Inválidos e dois mil para o Recolhimento e Asilo do Menino Deus.

No seu testamento, feito em 14 de Novembro de 1946, quando estava internado na casa de saúde da Beneficência Portuguesa, contemplou várias instituições barcelense, designadamente, a Santa Casa da Misericórdia e o Recolhimento do Menino Deus. Por apurar, está a verificação do cumprimento de todas as suas disposições testamentárias.

Possui a Grã Cruz de Benemerência de Portugal

Momento alto na vida de Paulo Felisberto foi a condecoração pelo governo português, em Janeiro de 1940, com a Grã Cruz de Benemerência, a solicitação do Cardeal Patriarca de Lisboa. Esta condecoração foi-lhe entregue, em Julho do mesmo ano, na Embaixada Portuguesa. Na ocasião, Monsenhor Alves da Rocha, amigo íntimo do homenageado, historiou a sua vida, afirmando a dado passo:

“Paulo Felisberto, ao fazer a distribuição dos seus haveres tem sempre a preocupação de tornar igual senão maior que o seu aquele país que lhe deu a fortuna e a cidade que fraternalmente o acolhera.”

(...)

“Eu creio que no Brasil haja Portugueses de anseios e ideias semelhantes aos que iluminam a alma cândida deste grande benemérito; mas não creio que houvesse alguém que mais provas públicas desse ao Brasil de tanta simpatia e de tanta gratidão.”

Mas, já anteriormente, o governo do país onde nasceu atribuiu-lhe as insígnias da Ordem de Instrução e Benemerência. Estas foram-lhe entregues, em Junho de 1930, numa sessão solene presidida por outro barcelense distinto, Ilídio Nunes, na Casa do Minho do Rio de Janeiro. Recorde-se que esta distinção foi solicitada pelo Capitão Francisco Caravana, então Presidente da Câmara Municipal, para testemunhar o agradecimento do povo de Barcelos pelas verbas dadas para a construção da nova cadeia e remodelação da antiga para Museu e Biblioteca.

Ilustres Barcelenses (2)

Outro momento particularmente significativo foi a entrega a Paulo Felisberto da Ordem do Cruzeiro, com que foi agraciado pelos seus actos de altruísmo, no Palácio do Itaramaty, em 22 de Junho de 1938, pelo Dr. Osvaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores do Brasil.

No dia 14 de Dezembro de 1935, na Caixa de Socorros D. Pedro V, do Rio de Janeiro, com a presença das melhores famílias desta cidade, foi realizada uma sessão solene em sua honra e inaugurado o seu busto. O seu representante, Alfredo L. Ferreira Chaves, anunciou que as dádivas feitas neste dia, cifravam-se na quantia de 750 contos, distribuídos da seguinte maneira: Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, 200 contos; Santa Casa da Misericórdia da cidade do Porto, 200 contos, Santa Casa da cidade de Barcelos, para distribuir aos pobres, 8.500 escudos, Sociedade Portuguesa de Beneficência de Niteroi, 50 mil réis, Real Sociedade Portuguesa de Beneficência de Petrópolis, 50 mil réis, Associação de Auxílios aos Tuberculosos Proletários de Belo Horizonte, 30 mil réis, Liga Brasileira contra a Tuberculose, 30 mil réis, Orfanato Santo António, 20 mil réis, etc...

No dia 6 de Janeiro de 1938, Dia de Reis, no Recolhimento do Menino Deus, foi descerrado um retrato a óleo, no decorrer de uma sessão solene de homenagem.

Depois de ter entregue ao Cardeal Patriarca de Lisboa a avultada quantia de 1.200 contos para a criação de uma Universidade Católica em Portugal, a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, por sugestão da "Casa dos Poveiros" do Rio de Janeiro, concedeu-lhe, em reunião de 19 de Outubro de 1939, o título de "Cidadão Poveiro" e a medalha de prata do "Reconhecimento Poveiro".

Em 14 de Dezembro de 1939, na data do seu aniversário, Barcelos prestou-lhe mais uma homenagem tendo-se celebrado, na Igreja do Hospital, uma missa em sufrágio da alma de sua esposa a que assistiram as famílias contempladas e também muitos barcelenses. Da parte da tarde, no Recolhimento do Menino Deus, teve lugar uma sessão solene, presidida pelo Prior de Barcelos, padre Joaquim Gaiolas para a entrega de 5 dotes de dois mil escudos a 5 orfãs com bom aproveitamento e bem comportadas. Assistiu a D. Sílvia Teixeira afilhada de Paulo Felisberto que tinha regressado do Brasil há pouco tempo.

** Director da Biblioteca Municipal de Barcelos*

biblioteca
municipal
barcelonès



57272

Paulo Felisberto, filantropo
barcelonès